

# DRAMARQUEOLOGIA#6

12.12.2020

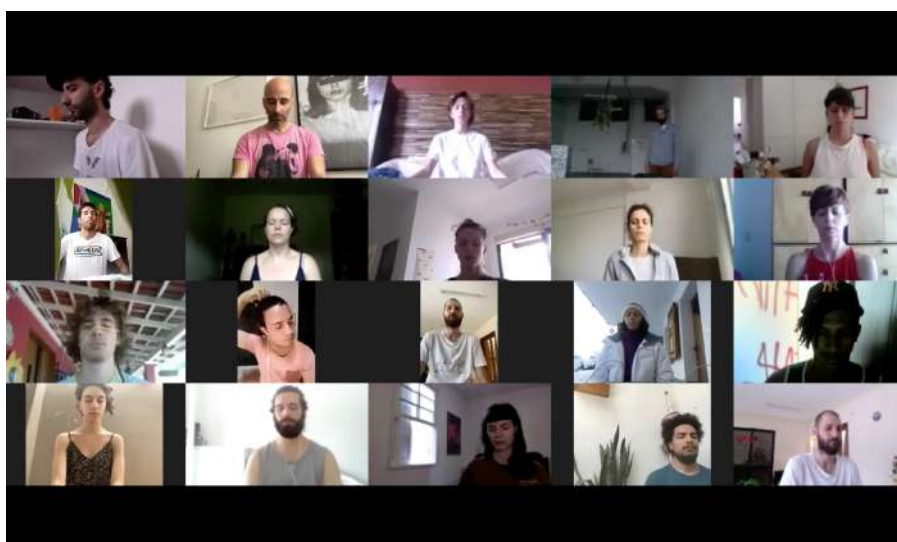


<https://www.youtube.com/watch?v=rBeCskNWxeY>

Tô bem de baixo prá poder subir  
Tô bem de cima prá poder cair  
Tô dividindo prá poder sobrar  
Desperdiçando prá poder faltar  
Devagarinho prá poder caber  
Bem de leve prá não perdoar  
Tô estudando prá saber ignorar  
Eu tô aqui comendo para vomitar

Tô te explicando  
Prá te confundir  
Tô te confundindo  
Prá te esclarecer  
Tô iluminado  
Prá poder cegar  
Tô ficando cego  
Prá poder guiar

Devagarinho prá poder rasgar  
Olho fechado prá te ver melhor  
Com alegria prá poder chorar  
Desesperado prá ter paciência  
Carinhoso prá poder ferir  
Lentamente prá não atrasar  
Atrás da vida prá poder morrer  
Eu tô me despedindo prá poder voltar



MicroMedita > Poema >  
Poemovesia

Poemovesia 1:

Artigos antigos da Amazônia  
diziam qualquer não não vai ter  
contido fotografia queimada  
apagada inútil sobre saúde sem  
medo do rio partido seco desvio  
margem extraordinária mente  
vermelho o rio dessa imensidão  
dão artigos e palavras infantis dão

eco vazio na casa dão o que vazio  
do rio cheio dentro por acaso e  
usam mas é no cangaço corre  
solto muito muito solto solto muito  
muito muito solto sou sério turvo  
(tosse) cilada coletiva nua santa  
crua forte cavalgar fim

## Poemovesia 2:

Norma força água que voa coisa  
rápida sonhada fumaça estou na  
neve e aqui tomada onde mete o  
dedo e cospe onde na sua agora  
preguiça onde agora na sua  
preguiça o corpo nunca pára  
cospe aqui de novo morre toca de  
novo e re/pouso/pete onde vibra  
coça lambe tateia raio de vida raiva  
descida queda moída decidida  
decididamente extraordinária  
mente comprimida mente repete  
saudade mentira vontade de nós  
de conchinha sonhando no mesmo  
ontem decididamente de novo eu  
quero vamos ao cinema quer

mesmo vamos vamos pra outro  
lugar pro cinema fora ontem num  
dá hoje hoje me dá muito um beijo  
somem quando sustenta através  
de uma vontade de duas vontades  
que acaba aqui algumas  
expectativas ruínas cânones se  
encontram abertas (gesto com  
braços) aqui de novo hoje hoje  
cinema também oi tudo bem onde  
está você aqui aqui aqui aqui aqui  
aqui agora chama (caneta) você  
nós (cigarro) disparamos espera o  
cinema do apocalipse só tem eu  
quem eu (gesto maos na cabeça)  
obscena me toca perna gostosa  
(pernas pro ar) cansada (pés)  
delícia ahhhhh você é muito lindo  
(entrou uma parede vazia) ali (dedo  
na câmera) ali aline a língua (close  
na boca) a fascia cabelo  
(balançando cabeça) molhado do  
mar de copacabana vem cá traga  
teu mar coca-cola saliva vida ida e  
o fim nunca acaba mentira (mão da  
aspesi tocando o ombro sorrindo)

(entrou música samba tom zé e a  
turma foi voltando...) (faísca  
lanternas isqueiro espada de santa  
bárbara)

foi pro gesto > expandiu > estourou a tarefa .....



Referência ENSAULA dia 12/12/20 ▷ Inbox x



**Nuno Lima** <nuno1lima@hotmail.com>  
to me ▾

Sun, Dec 13, 6:03 PM (16 hours ago) ☆ ↶ ⋮

Oie Cris.

Segue trecho da peça FALA COMIGO DOCE COMO A CHUVA, do dramaturgo americano do séc 20 Tennessee Williams, que me lembrou muito nosso segundo poema coletivo, principalmente sobre fugir daqui e ir ao cinema..... tbn te mando uma imagem do MELANCOLIA do Lars, raios saindo dos dedos.... até segunda. beijos, Nuno.

...

[Message clipped] [View entire message](#)

3 Attachments





**MULHER:** Eu quero ir embora.

**HOMEM:** Você quer?

**MULHER:** Sozinha! *(Ela volta para a janela).* -- Eu me registrarei sob um nome falso em um pequeno hotel na costa...

**HOMEM:** Que nome?

**MULHER:** Anna - Jones... A arrumadeira será uma pequena velhinha que tem um neto e mora sobre ele... eu sentarei numa cadeira enquanto a velhinha faz a cama, meus braços cairão - de cima da cadeira, e - a voz dela será - tranqüila... Ela me contará o que o neto comeu no almoço! - feijão com tapioca... *(A mulher senta-se perto da janela e toma pequenos goles de água.)* - O quarto está na penumbra, fresco, e cheio de murmúrio da...

**HOMEM:** Chuva?

**MULHER:** Sim. Chuva. A ansiedade desaparecerá.

**HOMEM:** Sim...

**MULHER:** Depois de algum tempo a velhinha dirá, sua cama está feita, Senhorita, e eu vou obrigada... Tire um dólar da minha carteira para você. A porta fechará. E eu ficarei sozinha novamente. As janelas serão altas com venezianas azuis e será a estação da chuva... Minha voz vem do quarto, fresco - cheia de sombra fresca e - do murmúrio da...

**HOMEM:** Chuva...

**MULHER:** Eu receberei um cheque pelo correio toda semana no qual eu possa confiar. A velhinha irá ao banco descontar meu cheque e me trará livros da biblioteca e pegará - minha mala... Eu sempre terei coisas limpas! - Eu me vestirei de branco. Eu nunca serei muito fraca, eu terei muita energia, porém depois de algum tempo terei energia suficiente para andar na - cidade para passear na praia sem esforço... À noite eu passearei na calçada junto à praia. Eu terei um lugar onde me sentarei, um pouco afastada do pavilhão onde a banda toca as músicas de Frank Sinatra ao anoitecer... Eu terei um quarto grande com venezianas na janela. Haverá uma esplanada com chuva, chuva. E eu estarei tão cansada de uma vida passada na cidade que eu não importarei de ficar apenas ouvindo a chuva. Eu ficarei tão quieta. As rugas desaparecerão do meu rosto. Meus olhos não ficarão mais inflamados. Eu não terei amigos. Eu nem sequer conhecerei conhecidos. Quando eu ficar com sono, andarei devagarzinho de volta para o pequeno hotel empregado dirá, Boa Noite, Senhorita Jones, e eu apenas sorrirei e pegarei minhas chaves. Eu não lerei um jornal ou escutarei o rádio; eu não terei a menor idéia do que está acontecendo no mundo. Eu não terei consciência da passagem do tempo... Um dia eu me olharei no espelho e rotarei que meus cabelos começam a embranquecer e pela primeira vez terei consciência de estar vivendo neste pequeno hotel sob um nome falso, sem amigos ou conhecidos de qualquer idade entre vinte e cinco anos. Isto vai me surpreender um pouco mas não me incomodará nem um pou-

co. Eu ficarei contente que o tempo tenha passado tão facilmente assim. De vez em quando eu talvez irei ao cinema. Sentarei nas filas de trás, com toda a escuridão ao meu redor e, ficarei sentada com as pessoas móveis ao meu lado sem tomarem conhecimento da minha presença. Olhando as pessoas imaginárias. Pessoas das histórias. Lerei grandes livros e os diários de escritores mortos e não sentirei mais próxima deles do que das pessoas que conheci antes de ter me retirado do mundo. Esta minha amizade com poetas mortos será doce e refrescante, porque não terei que tocá-los para responder suas perguntas. Eles falarão comigo sem esperar minhas respostas. E ficarei sozinha ouvindo suas vozes explicando os mistérios pra mim. Dormirei com o livro ainda entre os dedos e choverá. Acordarei e ouvirei a chuva e tornarei a dormir. Uma estação de chuva, chuva, chuva. Então um dia, quando estiver fechado um livro ou voltado sozinho do cinema para casa às dez horas da noite - Olharei no espelho e verei que meu cabelo ficou branco. Branco, completamente branco. Tão branco quanto a espuma das ondas. *(Ela se levanta e anda pelo quarto enquanto continua a falar...)* Passarei as mãos pelo meu corpo e sentirei o quanto fiquei leve e magra. Como estarei magra. Quase transparente. Quase irreal. Então compreenderei, saberei, de modo claro que estava morando neste pequeno hotel, sem nenhuma relação social, responsabilidade, ansiedade ou perturbações de qualquer tipo - por quase cinquenta anos. Meio século. Praticamente uma vida inteira. Nem sequer me lembrarei dos nomes das pessoas que conhecia antes de vir para cá, nem a sensação de ser alguém esperando por alguém que - talvez não venha... Então saberei - olhando no espelho - que pela primeira vez chegou o momento de andar sozinha mais uma vez na calçada sob o vento forte batendo em mim, o vento limpo e branco que vem do princípio do mundo, ainda além do que isto, vem do princípio do espaço, ainda mais além de qualquer coisa que haja além do princípio do espaço... *(Ela senta novamente sem muita firmeza perto da janela.)* - Então sai e andarei pela calçada. Andarei sozinha e serei empurrada pelo vento e ficarei pequenina, pequen-

**HOMEM:** Amorzinho. Vem para a cama



Alan Athayde <alanrathayde@gmail.com>

to me ▾

Mon, Dec 14, 7:06 PM (5 days ago)



Portuguese ▾ > English ▾ [Translate message](#)

[Turn off for: Portuguese](#) ×

oiee cris,

aqui pensando na ideia de **retardamento** me veio a analogia com o personagem 'bartleby' do conto BARTLEBY, O ESCRITURÁRIO (1853) do escritor estadunidense Herman Melville (o mesmo de 'Moby Dick');

BARTLEBY é um escrivão-copista e certo dia seu chefe-advogado, o narrador da novela, pede uma determinada função e eis que bartleby responde: **"eu preferiria não fazer"** e essa sentença-resposta é repetida inúmeras vezes no decorrer da história;

...descobri esse personagem através do livro BARTLEBY E COMPANHIA do escritor catalão Enrique Vila-Matas q li no meio da quarentena e q me envolveu: fala de escritores que 'desistiram' de escrever, o que ele chama de 'literatura do Não' e cria uma espécie de inventário de muitos 'bartlebys' na literatura mundial, como Rimbaud q escreveu suas obras na adolescência e depois foi vagar por aí, viajar, namorar, ser um traficante de armas etc;

tbm em CRÍTICA E CLÍNICA (1993), último livro de Gilles Deleuze (olha ele aí de novo!!), tem um capítulo chamado 'bartleby, ou a fórmula' em q o filósofo francês discorre um longo ensaio sobre esse *'I WOULD PREFER NOT TO'* e entre diversas análises-devires me parece um pensamento político na luta anticapitalista;

e sobre **sã** (ou sanidade) lembrei de um filme q assisti recentemente, o curta EDNA (2018) de Edna Toledo, realizado durante uma residência artística do coletivo carioca ANARCA FILMES:

[https://www.youtube.com/watch?v=MF2Tp1Lgk8&feature=emb\\_logo](https://www.youtube.com/watch?v=MF2Tp1Lgk8&feature=emb_logo)

//

até sábadú, alan.



[https://www.youtube.com/watch?v=iMF2Tp1Lgk8&feature=emb\\_logo](https://www.youtube.com/watch?v=iMF2Tp1Lgk8&feature=emb_logo)



Bartleby não é uma metáfora do escritor, nem o símbolo de coisa alguma. É um texto violentamente cômico, e o cômico sempre é literal. É como uma novela de Kleist, de Dostoiévski, de Kafka e Beckett, com os quais forma uma linhagem subterrânea e prestigiosa. Só quer dizer aquilo que diz, literalmente. E o que ele diz a repete é PREFERIRIA NÃO, *I would prefer not to*.<sup>1</sup> É a fórmula da glória, e cada leitor apaixonado a repete por seu turno. Um homem magro e lívido pronunciou a fórmula que enlouquece todo mundo. Mas em que consiste a literalidade da fórmula?

Nota-se inicialmente um certo maneirismo, certa solenidade. *prefer* raramente é empregado nesse sentido, e nem o padrão de Bartleby, o advogado, nem os escreventes o utilizam habitualmente: “uma palavra esquisita, quanto a mim jamais a emprego...”). A fórmula comum seria antes *I had rather not*. Mas sobretudo a extravagância da fórmula extrapola a palavra em si: sem dúvida, e gramaticalmente correta, sintaticamente correta, mas seu término abrupto, NOT TO, que deixa indeterminado o que ela rechaça, lhe confere um caráter radical, uma espécie de função-limite. Sua reiteração e insistência a tornam, toda ela, tanto mais insólita. Murmurada numa voz suave, paciente, átona, ela atinge o irremissível formando um bloco inarticulado, um sopro único. A esse respeito tem a mesma força, o mesmo papel que uma fórmula *agramatical*. Os linguistas analisaram com todo o rigor o que se chama... [90] r

4)

rdade, a doença, a síndrome de Bartleby, vem de longe. I  
a ser um mal endêmico das literaturas contemporâneas  
o negativa ou atração pelo nada que faz com que certos  
erários jamais cheguem, aparentemente, a sê-lo.

De fato, nosso século se inicia com o texto paradigmático  
annsthal (*Carta de lordes Chandos* é de 1902), em que o  
se promete, em vão, nunca mais escrever uma única  
Kafka não desiste de aludir à impossibilidade essencial  
a literária, sobretudo em seus *Diários*.

André Gide construiu um personagem que percorre to  
ce com a intenção de escrever um livro que nunca e  
(es). Robert Musil enalteceu e quase transformou em  
de um “autor improdutivo” em *O homem sem qual*  
eur Teste, o *alter ego* de Valéry, não somente renunciou  
como atirou sua biblioteca pela janela.

Wittgenstein publicou apenas dois livros: o célebre *T*  
*philosophicus* e um vocabulário rural austríaco. Em  
casão mencionou a dificuldade que significava para e  
léias. À semelhança do caso de Kafka, o seu tratao